



VILA UNIÃO: MEU BAIRRO! MEU LUGAR!

Nildemar Pereira da Silva¹; Nilson Almino de Freitas²

¹Estudante do Mestrado Acadêmico em Geografia – CCH – UVA. E-mail: nildemarpesilva@gmail.com,

²Docente/pesquisador do quadro permanente do Mestrado Acadêmico em Geografia - CCH - UVA. E-mail: nilsonalmينو@hotmail.com

RESUMO

A presente pesquisa analisou a história de ocupação do bairro Vila União (Sobral, Ceará) e as relações de pertencimento dos moradores com o bairro a partir de suas narrativas. A metodologia utilizada foi pesquisa bibliográfica, pesquisa de campo e, especialmente, a história oral. Observou-se que a Vila União surgiu diante da ineficiência do poder público que não garante a uma parte da população o acesso à moradia. Por fim, mesmo diante das dificuldades no processo de ocupação da Vila União os moradores apresentam modelos diversificados de identificação e afetividade com o bairro.

Palavras-chave: Vila União. Memórias. Lugar. História oral. Territorialização

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa pretende apresentar o processo de ocupação do bairro Vila União, Sobral - CE, e os diferentes modelos de identificação da comunidade com o lugar. É importante frisar que o enfoque aqui são as agências do narrador individual na territorialização do seu lugar. Como aponta Portelli (1997), a narrativa não pode ser vista dissociada do narrador.

A história oral estabelece uma relação original entre o geógrafo e os agentes da territorialização do espaço, entendendo aqueles que fazem a geografia do lugar como atores concretos portadores de subjetividades e materialidades, portanto, agentes individuais que criam o território que não é estável e mediado por conflitos internos e dissensos. Assim, além de conhecer o processo de ocupação do bairro Vila União, busca-se identificar as diferentes formas de demonstrar afetividade da população com o bairro por meio da história oral e interpretá-la como ações territorializantes.

METODOLOGIA

A princípio o artigo apresenta um breve histórico do município de Sobral fundamentado em documentos oficiais, porém a metodologia principal do trabalho é a história oral. As narrativas foram selecionadas a partir do documentário “Vida e bairro Vila União” e de entrevistas do acervo do Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas - LABOME, arquivo público de documentos orais e visuais, de apoio à investigação científica, vinculado ao Mestrado Acadêmico em Geografia e ao Curso de Ciências Sociais do Centro de Ciências Humanas (CCH) da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Sobral é uma cidade média com população de 188.222 habitantes, segundo o censo do IBGE de 2010. Situada na porção noroeste do Ceará, entre as coordenadas de 3° 41' 10" latitude sul e 40° 20' 59" de longitude oeste, a 230 km da capital Fortaleza. A cidade apresenta como codinome “Princesa do Norte Cearense” devido a relevância econômica no contexto regional.

Historicamente a gênese das cidades está intrinsecamente vinculada a presença de recursos hídricos, rotas comerciais, posição e localização geográfica, dentre outros fatores (SPOSITO, 2000). Sobral não foge à regra, pois, na versão da história que parte das agências do colonizador, tem sua origem associada a uma fazenda de gado às margens do rio Acaraú, na depressão sertaneja.

Desde o final do século XX, a princesa do Norte vivencia um processo de urbanização, acompanhando a tendência nacional, e investimento nas áreas elitizadas, e implantação de bairros nobres. Em contrapartida, expeliu os migrantes que vinham em busca de uma “vida melhor” em cidade de maior porte que a sua de origem, indo morar em áreas periféricas, já que o “sonho de uma vida melhor” não foi realizado. Nesse contexto, foram ocupados alguns espaços periféricos, como o bairro Vila União, localizado no noroeste de Sobral (figura 1).

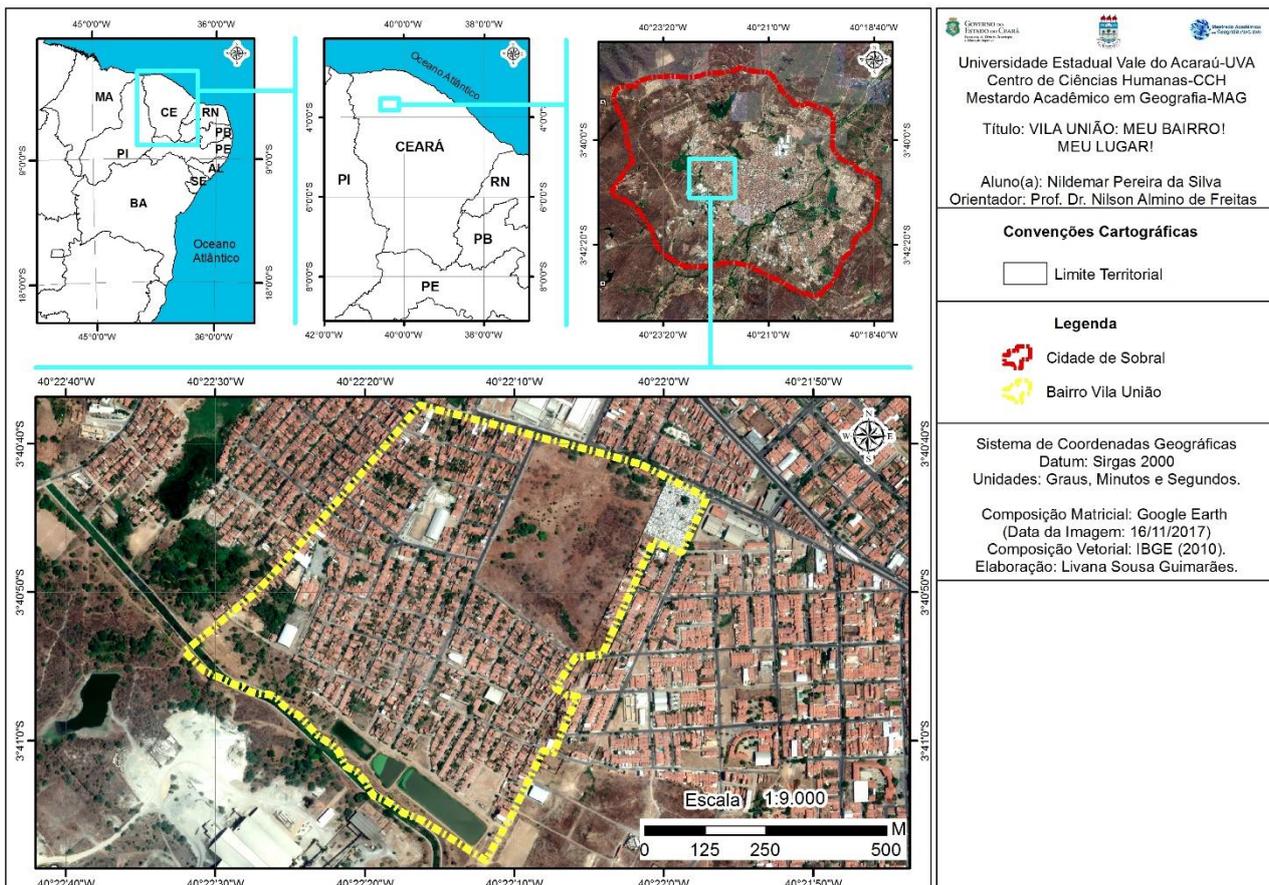


Figura 1 – Mapa da localização do bairro Vila União, Sobral-CE.

Fonte: Guimarães (2018); Silva (2018); (Google Earth (2018))

Segundo o que informaram nas entrevistas o Emanuel Rodrigues de Souza (Maneco) e Osvaldo Aguiar (ambientalista) tiveram papel relevante na gênese do bairro, pois, segundo suas narrativas, foram eles que arquitetaram a ocupação e organização inicial da Vila União. Conforme Maneco (2005), no dia 10 de agosto de 1992, mais ou menos às 10 horas, ele recebeu a visita de um amigo do PT (Partido dos Trabalhadores), o Osvaldo Aguiar, para conversar sobre política. Nessa ocasião, Maneco relatou a sua preocupação com uma população do “Pantanal” do Alto da Brasília, atual conjunto Cesário Barreto Lima, que estava desabrigada por conta da inundação da lagoa presente no bairro (a Lagoa da Fazenda).

Ainda nessa visita Osvaldo Aguiar (2009, p. 43) falou para Maneco sobre um terreno da união que estava abandonado:

Eu ouvi uma conversa lá e tal que eles iam fazer, ocupar a fazenda e tal aquela coisa, aí eu fui “pra”¹ uma reunião na comunidade aí eu disse: Maneco eu sei “pra” onde é que nós vamos “né”, ali no “Mucambinho” ali tem uma terra lá cara que é da União uma terra que é pública e tal “vamo” ver o que a gente pode fazer. Aí deu um insight “né vamo” ocupar e “vamo” levar esse pessoal aí começamos a planejar a comunidade discutindo com o pessoal e aí olha é o seguinte em vês de vocês ficarem aqui e tal e alugar casa, não ter “pra” onde ir, vocês topa ocupar uma área, aí fomos trabalhando o imaginário das pessoas “né” de ocupação “né” o quê que significa ocupação que a gente já tinha já noção “né”, quais são os problemas, os riscos que é de ocupação, fomos preparando as pessoas “pra” ocupação.

Maneco ao tomar conhecimento da existência de um terreno público desocupado fica entusiasmado com a possibilidade de ocupar e construir um conjunto habitacional, solucionando o problema da população sem moradia. De acordo as entrevistas foi o próprio Maneco que fez a planta inicial do bairro, pensando em futuro arruamento e organização dos lotes, e também criou o nome conjunto habitacional bairro Vila União, Maneco (2005, p. 34):

Foi eu que fiz o ‘croquis’. E toda a modéstia, dei o nome porque, aí vem a influência, porque eu tava certo do que eu queria né, porque o que a gente tava querendo, claro que o Osvaldo foi um parceiro no sentido de dar informação de entrar na briga e concordar com aquilo, com a proposta, a proposta que foi dada, por isso que digo, partiu de mim a ideia, por que Vila União? Primeiro não tinha um bairro com o nome de Vila União; segundo, porque era a união das pessoas em torno de um bairro; terceiro, porque a gente pensava que era um terreno da União (risos), essas razões...

Quando chegaram no local, depois de superar a resistência inicial da polícia, junto com os primeiros moradores, começaram a limpa área e para felicidades deles perceberam que a área era maior do que tinham imaginado. A princípio fizeram uma limpeza coletiva só depois foi realizado o sorteio dos lotes para os moradores. Cabe frisar que o bairro não foi ocupado apenas por pessoas do

1 As citações literais tentam preservar a oralidade dos entrevistados.

Pantanal, pois migraram pessoas de outros bairros e até mesmo de cidades vizinhas, como Forquilha e Meruoca.

A participação dos moradores no processo de ocupação do bairro contribuiu para fortalecer discursos de identificação e afeto com a Vila União, ou seja, não é apenas um local de moradia e sim o lugar. A categoria lugar apareceu como conceito-chave na evolução do pensamento geográfico no contexto da Geografia Humanista, na década de 1970. Nesse contexto, percebe-se duas acepções principais sobre o conceito de lugar, sendo estas consideradas em dois de seus eixos epistemológicos, o da Geografia Humanística, que considera lugar como produto da experiência humana. E a Geografia Radical ou dialética marxista, em que o lugar assume uma compreensão enquanto espaço de singularidade constituída por dinâmicas associadas aos meios de produção da vida material (STANISKI, KUNDLASCH, PIREHOWSKI, 2014).

Acrescento à versão materialista do conceito que o lugar assume um caráter subjetivo, uma vez que cada indivíduo já traz memória e uma experiência direta com seu espaço, definindo-o como lugar, pois é partir desse envolvimento agenciado pela territorialização dos indivíduos que se adquire tal pertencimento. Para Santos (2006, p. 212) “Os lugares são vistos como intermédio entre o mundo e o indivíduo”.

Michel de Certeau (2008) talvez ajude a compreender o lugar para além da dinâmica da reprodução da vida material, sem descartá-la, ampliando sua definição. Enfatiza como cada indivíduo vê e define o lugar. Assim, conforme Certeau (2008, p. 201):

Um lugar é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistências. Aí se acha portanto excluída a possibilidade, para duas coisas, de ocuparem o mesmo lugar. Aí impera a lei do “próprio” e distinto que define. Um lugar é portanto uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade.

Já Yu-Fu-Tuan (1975) associa o conceito de lugar as relações de afetividade e sentimento das pessoas com o meio em que vivem. O lugar tem muitos significados que são atribuídos pelas pessoas e traduz os espaços com os quais as pessoas têm vínculos mais afetivos e subjetivos que racionais e objetivos (TUAN, 1975). É notório nas entrevistas e no documentário, que mesmo diante dos desafios enfrentados pela comunidade, os moradores apresentam uma grande identificação e afetividade com o bairro, ou seja, a Vila União é o lugar de seus moradores.

Para Tuan (1983, p. 83) “quando o espaço nos é inteiramente familiar, torna-se lugar”. Entretanto, deve-se lembrar aqui que a narrativa também tem um caráter pragmático de causar um efeito no interlocutor e essa contribuição que Certeau (2008) acrescenta. Assim, não podemos interpretar que os moradores sustentam seus argumentos em crenças ou que suas falas são objetivamente uma identificação da afetividade com o lugar o que diversifica a ideia de modos de vida e torna a discussão sobre o lugar mais plural.

Esse efeito de afetividade individual com o lugar pode ser percebida nas palavras da dona Minervina de Melo Vasconcelos (2009, p.16) que diz “eu acho bom demais a minha rua” e Terezinha Rodrigues de Lima (2009, p. 24) que quando é indagada se gostava do antigo local que morava ela responde “gostava, mas aqui eu gosto mais”. Observamos que para ambas o afeto pelo bairro está associado a conquista pela moradia.

Entretanto, as justificativas para este gostar podem variar. Um fala que o motivo do afeto é a casa que mora, interesse pragmático expresso como sentimento, como no caso de Minervina e Terezinha. Outro motivo é o sentimento de “comunidade”, seja ele pensado como politicamente agenciado, como no caso de Maneco e Osvaldo. Os moradores da Vila União apresentam em suas narrativas uma potência de identificação com o local de vivência, pois insistem em falar da afetividade e o sentimento de pertencimento da comunidade com o lugar, segundo alguns, expresso em suas práticas e modos de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se inferir que a “Princesa do Norte”, apelido que a política de patrimonialização aplicado na cidade a partir de 1999 criou com base na palavra de historiadores locais sobre Sobral, não oferece moradia nos bairros elitizados para todos os seus habitantes, expelindo os migrantes pobres para as áreas periféricas da cidade. Como foi visto, o bairro Vila União surgiu nesse contexto de ineficiência do poder público que não garante a uma parte da população o acesso à moradia, um dos direitos básicos assegurados na Constituição Federal, e mobilização popular em busca da solução para este problema. Cabe salientar, que mesmo diante das dificuldades enfrentadas pelos moradores da Vila União, percebe-se que narram sobre laços de afetividade com o meio em que vivem.

AGRADECIMENTOS

Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, Programa de Pós-Graduação/Mestrado Acadêmico em Geografia-MAG/UVA, Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação – PRPPG, Pró-Reitoria de Educação Continuada- PROED. LABOME (Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas).

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Osvaldo. (depoimento, 26.04.09). Sobral, Laboratório de Memórias e Práticas Cotidianas, 2009.
- CERTEAU, Michel de. Relatos de espaço. In: **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Vozes: Petrópolis, 1998, p. 1999-217.
- LIMA, Terezinha Rodrigues de. (depoimento, 26.08.09). Sobral, Laboratório de Memórias e Práticas Cotidianas, 2009.
- PORTELLI, Alessandro. “o que faz a história oral diferente”. **Projeto-História**. São Paulo. 1997.
- SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**: técnica e tempo, razão e emoção- 4ª Ed. 2ª reimpressão. São Paulo. Editora Universidade de São Paulo, 2006.

SOUZA (MANECO), Emanuel Rodrigues de. (depoimento, 04.07.2001). Sobral, Laboratório de Memórias e Práticas Cotidianas, 2005.

Spósito, M. E. B. **Capitalismo e urbanização**. 10. ed. São Paulo: Contexto; 2000.

VASCONCELOS, Minervina de Melo. (depoimento, 05.11.09). Sobral, Laboratório de Memórias e Práticas Cotidianas, 2009.

Staniski, A; Kundlatsch, C. A; Pirehowski, D. O conceito de lugar e suas diferentes abordagens. **Revista perspectiva geográfica – UNIOESTE**. Cascavel, v.9, n.11, p. 1-19, 2014.

TUAN, Y. -F. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.
_____. **Place**: na Experiential Perspective. *Geographical Review*, 65, pág. 151-165, 1975.